



CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROCHELly DA SILVA SOUSA

**AS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PSICOMOTRICIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

FORTALEZA

2021

ROCHELLY DA SILVA SOUSA

**AS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PSICOMOTRICIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Monografia apresentada como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia
do Centro Universitário Fametro - Unifametro

Orientador (a): M^a.Aline Gadelha de Almeida
Duarte.

FORTALEZA

2021

S725c Sousa, Rochelly da Silva.

As contribuições e desafios da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura. / Rochelly da Silva Sousa. – Fortaleza, 2021.

58 f.; 30 cm.

Monografia - Curso de graduação em Psicologia da Unifametro, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. M.^a Aline Gadelha de Almeida Duarte.

1. Desenvolvimento infantil. 2. Criança. 3. Psicomotricidade. I. Título.

CDD 155.4

ROCHELLY DA SILVA SOUSA

**AS CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA PSICOMETRICIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia do Centro Universitário Fametro – Unifametro, tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores.

Orientador (a): M^a. Aline Gadelha de Almeida Duarte.

Aprovado dia: 18/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. M^a. Aline Gadelha de Almeida Duarte
Orientadora - Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

Prof^a. Dr^a. Letícia Decimo Flesch
Membro - Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

Prof^a. M^a. Gardênia Holanda Marques
Membro - Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me proteger e me guiar todos os dias e por me conceder o dom da vida. Diante de todos os problemas Deus me deu forças e iluminou meu caminho para prosseguir e nunca desistir de meus sonhos e assim da minha formação.

Ao meu pai Ricardo Mendes sou grata, pois em meio as dificuldades ele sempre me motivou a não desistir. Te amo, pai.

À minha mãe, Maria Lucia obrigada pelos ensinamentos que me ajudaram na minha caminhada acadêmica, você sempre será meu pilar pois me ensina todos os dias o caminho do bem, te amo. A minha irmã Rosângela por sempre torcer pela conclusão da graduação, a minha tia Cleia que mesmo estando longe se fez presente na minha vida e sempre se preocupando com os meus estudos.

Agradeço ao meu esposo Iury Levi, meu melhor amigo, por estar sempre ao meu lado em situações mais felizes e as mais difíceis também. Ele que sempre me incentivou a querer sempre mais, assim acreditando no meu potencial, sou muito grata pela sua vida, te amo.

A minha professora e orientadora Aline por todo incentivo, força, disponibilidade e empenho na construção deste trabalho, muito obrigada por tudo.

Aos meus colegas que estiveram diariamente comigo durante todos esses anos de formação me fortalecendo nas trocas de aprendizagem, nos trabalhos em equipes e nas nossas rodas de conversas.

Às minhas grandes amigas Andrea, Alana, Lea, Francielle, Isadora, Vlândia e ao meu amigo Ramiro obrigada pela amizade dentro e fora da faculdade.

A todas as pessoas que não citei diretamente mas que sabem que contribuíram para concretização deste meu sonho, Muito Obrigada.

Mais respeito, eu sou criança!

Prestem atenção no que eu digo,
Pois eu não falo por mal:
Os muitos adultos que me perdoem,
Mas infância é sensacional!

Vocês já esqueceram, eu sei.

Por isso eu vou lhes lembrar:
Pra que ver por cima por cima do muro,
Se é mais gostoso escalar?
Pra que perder tempo engordando,
Se é mais gostoso brincar?
Pra que fazer cara tão séria,
Se é mais gostoso sonhar?

Se vocês olham pra gente,
É terra o que vêem por trás.
Pra nós, atrás de vocês,
Há o céu, há muito, muito mais!

Quando julgarem o que eu faço,
Olhem seus próprios narizes:
Lá no seu tempo de infância,
Será que não foram felizes?

Mas se tudo o que fizeram
Já fugiu de sua lembrança,
Fiquem sabendo o que eu quero:
Mais respeito, eu sou criança!

(Livro “Mais respeito, eu sou criança!”
Pedro Bandeira)

RESUMO

A psicomotricidade é a expressão de um pensamento pelo ato motor preciso e harmonioso, e que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Essa ciência impacta no crescimento da criança, pois o desenvolvimento Infantil é parte da existência humana, sendo um processo único e que tem como finalidade sua inserção na sociedade em que vive. A infância é uma fase do ser humano na qual o indivíduo se conhece, adquire habilidade, se movimenta e se relaciona com o meio na qual está inserido. A partir disso, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como a psicomotricidade impacta o desenvolvimento infantil nas mais variadas dimensões (afetiva, cognitiva e motora); para a discussão dessa temática se fez necessário conhecer a historicidade do ser criança, analisar o desenvolvimento infantil a luz da psicologia, compreender a relação entre a psicomotricidade e os recursos lúdicos e identificar as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil. No processo de desenvolvimento, profissionais como psicólogos e pedagogos podem utilizar os recursos lúdicos, pois o mesmo é uma ferramenta que utiliza jogos e brincadeiras para incentivar a criança. Na construção do trabalho adotou-se uma metodologia de estudo com natureza qualitativa, onde a pesquisa se classificou como uma revisão bibliográfica sistemática. No decorrer do estudo, percebeu-se que a psicomotricidade auxilia no processo de aprendizagem da criança, trabalha déficits que ela possa apresentar e na prevenção de algumas dificuldades que possa ocorrer no decorrer do seu desenvolvimento. Espera-se que tal trabalho possa contribuir para a comunidade acadêmica, equipes de professores e para profissionais da área da psicologia e ou outras áreas da saúde.

Palavras-chave: Criança, Desenvolvimento Infantil, Lúdico, Psicologia e Psicomotricidade.

ABSTRACT

Psychomotricity is the expression of a thought through a precise and harmonious motor act, which has as its object of study the man through his body in movement and in relation to his internal and external world. This science has an impact on the child's growth, since Child development is part of human existence, being a unique process and whose purpose is its insertion in the society in which it lives. Childhood is a phase of the human being in which the individual knows himself, acquires skill, moves and is related to the environment in which he is inserted. From this, the research has as general objective to analyze how psychomotricity impacts child development in the most varied dimensions (affective, cognitive and motor); for the discussion of this theme it was necessary to know the historicity of being a child, analyze child development in the light of psychology, understand the relationship between psychomotricity and playful resources and identify the contributions of psychomotricity to child development. In the development process, professionals such as psychologists and pedagogues can use recreational resources, as it is a tool that uses games and games to encourage children. In the construction of the work, a qualitative study methodology was adopted, where the research was classified as a systematic bibliographic review. During the study, it was noticed that psychomotricity helps in the child's learning process, works with deficits that he may present and in preventing some difficulties that may occur during his development. It is hoped that such work can contribute to the academic community, teams of professors and to professionals in the field of psychology and or other areas of health.

Keywords: Child, Child Development, Ludic, Psychology and Psychomotricity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Apresentação dos trabalhos selecionados.....	31
Fluxograma 1 - Processo de pesquisa, filtragem e seleção das publicações ...	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Processo de pesquisa e filtragem das publicações	31
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A HISTORICIDADE DO SER CRIANÇA	14
2.1. Código de menores	18
2.2. Estatuto da criança e do adolescente	19
3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL A LUZ DA PSICOLOGIA	21
4. METODOLOGIA	29
4.1. Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa	29
4.2. Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão.....	30
4.3. Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados	31
4.4. Categorização dos estudos selecionados	32
5. RELAÇÃO ENTRE A PSICOMOTRICIDADE E OS RECURSOS LÚDICOS.....	34
6. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	39
6.1. Desafios da psicomotricidade no desenvolvimento infantil	44
6.2. Psicomotricidade e a Psicologia.....	46
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é sobre as contribuições e desafios da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil, no qual foi escolhido após o estágio em psicologia realizado em uma Instituição que se iniciou no mês de fevereiro de 2020 e se encerrou no mês de junho de 2020. Nessa experiência foi percebido que o trabalho de psicomotricidade era realizado pela equipe de professores, na qual aplicavam ações psicomotoras que abordavam o aspecto motor, cognitivo e afetivo, auxiliando o desenvolvimento global das crianças por meio de seus movimentos e ajudando no aprendizado dos mesmos. Segundo Costa (2002), a psicomotricidade se baseia em uma concepção unificada da pessoa, que inclui as interações cognitivas, sensoriomotoras e psíquicas na compreensão das capacidades de ser e de expressar-se, a partir do movimento, em um contexto psicossocial. Ela se constitui por um conjunto de conhecimentos psicológicos, fisiológicos, antropológicos e relacionais que permitem, utilizando o corpo como mediador, abordar o ato motor humano com o intento de favorecer a integração deste sujeito consigo e com o mundo dos objetos e outros sujeitos.

O ser criança sempre existiu na sociedade, mas em torno do século XVI a criança era tida como um ser desprezível e sem importância. Segundo Ariès (1981), o final do século XVII foi marcado por meio dos movimentos reformadores ligados à igreja católica ou protestante, ao estado e às leis, e a sociedade sofreu uma grande mudança, na qual a criança passou a ser respeitada na sociedade. A infância é uma fase do ser humano na qual o indivíduo se conhece, adquire habilidade e se relaciona com o meio na qual está inserido. É importante frisar que essas mudanças ocorridas ao longo do tempo trouxeram uma relevância a respeito do desenvolvimento infantil que é o processo de conhecimento e maturação da criança.

Vygotsky (1991) diz que a partir do momento no desenvolvimento em que o pensamento se vincula à linguagem, aquele torna-se verbal e a linguagem racional e a criança passa a dispor de um poderoso instrumento para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: a atenção voluntária, a memorização ativa, o pensamento abstrato e o comportamento intencional.

Diante do tema abordado, surgiu a seguinte pergunta: Como a psicomotricidade impacta o desenvolvimento infantil? Tal pergunta foi elaborada, pois as crianças no decorrer de sua vida desenvolvem seus movimentos aliados à

noção sensorial, afetiva e intelectual. Conforme Fonseca (2008), a psicomotricidade está relacionada ao conhecimento profundo que procura adquirir entendimento do movimento humano, considerando o ser em sua totalidade, auxiliando-o para um melhor desenvolvimento.

A partir do exposto, o referido trabalho teve como objetivo geral analisar como a psicomotricidade impacta o desenvolvimento infantil, sendo que para alcançar tal objetivo, foi necessário abordar os seguintes pontos: Conhecer a historicidade do ser criança; Analisar o desenvolvimento infantil a luz da psicologia; Compreender a relação entre a psicomotricidade e os recursos lúdicos e Identificar as contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil.

Galvão (1995) relata que é pela interação com os objetos e com o seu próprio corpo que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações. Através disso é possível perceber que a psicomotricidade trabalha em conjunto com o desenvolvimento infantil, abordando os aspectos motor, cognitivo e afetivo, sendo observado em algumas crianças, dificuldades diversas em seu processo de desenvolvimento como a comunicação, leitura, escrita e movimentos.

A psicologia e a psicomotricidade são de fundamental importância para a sociedade e para o contexto escolar, pois enquanto a primeira trata os estados e processos mentais do comportamento do ser humano e de suas interações com um ambiente físico e social, a última estuda o indivíduo através de seu corpo, levando em consideração o movimento como aspecto fundamental. Algumas instituições utilizam atividades lúdicas para estimular o aprendizado, buscando trabalhar o desenvolvimento das habilidades, a criatividade e a autoconfiança da criança. Conforme Piaget (1998) a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. Quando essas atividades são bem aplicadas trazem grandes benefícios que proporcionam saúde física, mental, social e intelectual à criança. Esse autor menciona que os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Dessa maneira o estudo em questão buscará gerar novas reflexões a respeito do assunto e auxiliar profissionais que trabalham na área da saúde e da educação.

2. A HISTORICIDADE DO SER CRIANÇA

Ao pesquisarmos o significado da palavra criança, encontramos as seguintes definições: “ser humano de pouca idade, menino ou menina; Pessoa ingênua, infantil: não desconfia de nada, é uma criança” (FERREIRA, 1986).

Conforme Carvalho (2003, p. 47)

“A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVIII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância”.

O ser criança sempre existiu, mas ao pesquisar sobre o assunto, constata-se que a infância era desprezada pela sociedade até o século XVI, surgindo a partir do século XVII. O historiador Philippe Ariès (1981), relata em sua obra “História Social da Criança e da Família”, o curso que a criança vem sendo tratada ao longo do tempo, onde a sociedade não via o infante com bons olhos, pois a mesma era misturada aos adultos logo que adquirisse alguma força física, partilhando do mesmo trabalho. A criança não tinha a oportunidade de passar pela etapa da juventude, pois ela exercia o mesmo modelo de trabalho dos adultos e que durante séculos a socialização da mesma era feita pela convivência com eles, pois devido a inclusão da criança junto a rotina de trabalho dos adultos, a mesma se afastava dos pais e a família não transmitia os conhecimentos e valores à criança. A passagem da criança era breve e insignificante dentro da família e na sociedade, não saía de uma espécie de anonimato, pois caso viesse a sofrer algo ou até mesmo a morrer, a família de forma geral não se importava tanto, pois logo viria outra para substituí-la.

O historiador (1981) menciona que, existem diversos fatores que auxiliaram no processo de formação da postura a ser tomada para com a criança na fase da infância. Dentre os múltiplos fatores, destaca-se o processo educacional como principal objetivo, na qual separou as crianças do ambiente a que eram submetidas, convivendo diretamente com os adultos, nos mesmos locais de trabalho e exercendo os mesmos afazeres. Outro ponto foi a fabricação de brinquedos característico para as crianças, com o objetivo de proporcionar uma visibilidade à fase da infância, pois as mesmas eram tratadas como adultos e não possuíam objetos que retratassem a real fase na qual estavam vivendo e o outro aspecto relevante foi o sentimento de

afeição no relacionamento com a família, na qual as crianças eram tratadas como um ser sem importância e as famílias não proporcionavam nenhum tipo de atenção.

Esse autor (1981), relata ainda que ao final do século XVII por meio dos movimentos reformadores ligados à igreja católica ou protestante, ao estado e às leis, a sociedade sofreu uma grande mudança, na qual a criança deixou de aprender com o contato direto com os adultos e o trabalho, passando a ser educada por meio da escola, e nesse processo a família se tornou um lugar de afeição, tornando a relação dos pais e filhos fortalecidas, onde os pais passaram a se importar e acompanhar o desenvolvimento educacional de seus filhos.

Segundo Philippe Ariès (1981), com relação a escolarização, a família organizou-se e a criança passou a ser o centro, onde a educação e o amor se tornaram primordiais. Com o modernismo, a família passou a ter uma função moral e espiritual e a escola passou a se responsabilizar de preparar os filhos para a vida adulta, desempenhando um poder disciplinar sobre a criança. Com todo esse avanço, a criança passou a ser vista como um ser a ser educado.

Para o historiador (1981), o século XVIII trouxe uma infância moderna com liberdade, autonomia e independência, pois a infância foi uma invenção da modernidade, e tal processo seria decorrente de um processo histórico, pois a infância era compreendida como uma fase da vida como qualquer outra e que seria um erro comparar a infância e a criança com o mesmo referencial. Esse pensamento trouxe mudanças no modo de ver a criança, pois as mesmas mudam com o tempo, com o contexto social e a especificidade de cada indivíduo. No século XIX, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, pois as mesmas eram submetidas as mesmas atividades em locais insalubres, na qual os adultos trabalhavam, não havendo nenhuma diferenciação entre elas e os mais velhos. No século XX, com a influência de psicólogos e de educadores, elas passam a ser vistas como seres de direitos e em fase de desenvolvimento, em decorrência das mudanças de verem e tratarem a criança e a infância ao longo dos anos, tornando-se objetos de estudos e saberes de diferentes áreas. A transformação pela qual a criança e família passaram ocupa um lugar central na dinâmica social.

Com o passar dos anos é possível ver uma valorização crescente da criança, na qual ela passa a ser o centro da família, tornando-se assunto de observações e estudos, adquirindo identidade, opiniões e respaldo legal. Ele passa a ser objeto de investimentos econômico, educacional e afetivo (BADINTER, 1985). Por meio da

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, foi aprovado em forma de lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990.

Mesmo com todos os avanços ocorridos ao longo dos anos, fazendo uma breve comparação com o ser criança de hoje com as crianças nascidas antes do século XIX, é perceptível as mudanças na forma de enxergá-la; nos dias atuais convém pontuar que não se consegue respeitá-las, pois continuamos aprisionando-as em nossa realidade, com o objetivo de realizar o desejo dos adultos, não conseguindo enxergar que elas pensam, desejam e sentem; sempre enxergando-as como um ser dependente e que precisam ser protegidas.

Para Dallari & Korczac (1986, p. 53)

“A preocupação com a proteção da criança não deve servir de pretexto para anulação de sua criatividade, assim como a indiferença pela criança não pode ser confundida com o respeito por sua liberdade. É preciso que se conjuguem ambos, a proteção e o respeito, para que a criança possa exercer em toda plenitude, o seu direito de viver. E viver é participar da vida, é acrescentar alguma coisa à criação, é imprimir sua marca no mundo criado. Desse modo, o exercício do direito à vida deve ser constante prática do pensar, do falar e do agir, da expressão livre do diálogo” (...).

De acordo com Santana (1995), a proteção da sociedade para com a criança, pode ser demarcada em dois períodos distintos: o primeiro ocorrido entre os séculos XII e o XVI onde quase não se fazia nada pela criança, pois a mesma era considerada insignificante na família e na sociedade e o segundo ocorre a partir do século XVII onde se fazia quase tudo por ela, pois após os movimento reformadores por parte da igreja católica ou protestantes, o estado e às leis, ocorreram mudanças na sociedade e na família, na qual as crianças passaram a ser o centro. Vale ressaltar que esses momentos retratam a impossibilidade em que a criança foi submetida em seu espaço, onde o adulto por omissão ou superproteção a impede de se manifestar em sua totalidade.

Nos últimos anos é possível observar uma certa convivência harmoniosa na família e na sociedade, formas distintas de ver e tratar as crianças, onde por alguns existe a ausência, outros são superprotetores e poucos respeitam o ser criança, dando a oportunidade de se tornarem parte da história e desempenhar o seu papel de ser criança.

Para Whaley & Wong (1997), a cultura em que as crianças nascem determina não só os papéis familiares, mas também grande parte das atitudes e

comportamentos que adotam durante sua vida, pois elas aprendem a se adaptar a um tipo de comportamento concordante com os padrões próprios de seu grupo social. Diante disso, pode-se perceber que essa fase da vida não acontece igualmente para todas as crianças, pois a cada experiência a história se diversifica.

Segundo Kuhlmann (1998), a infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse conceito é definido a partir de transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade (relacionado a divisão do grupo social conforme a sua idade e o poder socioeconômico) e a cada uma delas é associado um sistema de status (relacionado a função que o sujeito pode ocupar na sociedade) e de papel (ligado ao direitos e deveres que o indivíduo tem ao ocupar uma determinada função na sociedade).

Conforme Rousseau (1994) relata, a infância não é um lugar de passagem para outros estágios mais desenvolvidos, sendo necessário considerar como uma fase de valor próprio. Da mesma forma que a humanidade tem lugar na ordem das coisas, a infância tem o seu na ordem da vida humana. A infância é uma fase de desenvolvimento, que necessita de educação e cuidados, visto que a criança não nasce pronta.

A medida que a criança cresce, suas habilidades motoras e mentais se desenvolvem, passando a ter um maior controle nos movimentos e na compreensão das informações, conseguindo entender melhor suas necessidades. Segundo Ramos (2013), o desenvolvimento infantil é compreendido como o avanço da capacidade do indivíduo, em realizar atividades cada vez mais complexas.

De acordo com Haddad (2000), além da família, existem outros contextos em que a criança vive e se desenvolve, cada um com potencial diverso para seu desenvolvimento. É possível observarmos a criação de leis, decretos e códigos que aconteceram ao longo da história em relação à infância, que de certa forma contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento das mesmas na sociedade.

2.1. Código de menores

O Código de menores foi criado em 12 de outubro de 1927, na qual estabelecia que até aos 17 anos de idade, o jovem era penalmente inimputável (quando o indivíduo no momento da infração é incapaz de discernir a gravidade do ato cometido) e que a partir dos 18 anos passaria a responder por seus crimes e podendo ser condenado à prisão.

O código de 1927 foi a primeira lei no Brasil aplicada à proteção da infância e da adolescência, antes disso a justiça era desumana com os pequenos infratores, pois eram julgadas pelo Código Penal de 1890, na qual crianças a partir de 9 anos podiam ser levadas aos tribunais da mesma forma que os adultos.

Durante a vigência do Código de Menores, todos enquadrados nessa legislação eram ligados a situação irregular (indivíduo menor de idade que se encontrava abandonado, sem assistência jurídica, vítima de maus-tratos, com desvio de conduta), onde não havia distinção dos infratores e daqueles que realmente viviam de forma precária ou que sofriam algum tipo de abandono e/ou maus-tratos, na qual todos eram tratados da mesma maneira, sendo afastados da sociedade.

Segundo Liberati (2003), a declaração de situação irregular poderia derivar da conduta pessoal do menor (no caso de infrações por ele praticadas ou de 'desvio de conduta'), de fatos ocorridos na família (como os maus-tratos) ou da sociedade (abandono). Ou seja, o menor estaria em situação irregular, equiparada a uma 'moléstia social', sem distinguir, com clareza, situações decorrentes da conduta do jovem ou daqueles que o cercavam.

Conforme exposto, é possível observar o caráter discriminatório do Código para com o menor, onde a legislação associava a pobreza à atos delinquentes. Todos eram tratados da mesma forma, onde os mais afetados eram as crianças e adolescentes pobres com pouca ou nenhuma escolaridade.

Conforme Queiroz (2008), o Código de Menores firmou o menor como objeto de tutela do Estado, legitimando a intervenção estatal sobre os jovens que estivessem em uma circunstância que a lei estabelecia como situação irregular. Crianças consideradas expostas, abandonadas, mendigas ou vadias, saíam da tutela da família para a do juiz de menores, o qual tinha o poder de decidir como e onde ela ficaria, sem qualquer garantia contida na lei, à diferença do que temos hoje através do princípio do devido processo legal (Fundamento que assegura a todos o

direito a um processo com todas as etapas previstas em lei e todas as garantias constitucionais).

Pode-se perceber o desinteresse do legislador em ressocializar o menor, pois o real objetivo era manter a ordem pública e não a proteção dos direitos da criança e do adolescente. Nesse contexto, os menores eram punidos por terem sofrido algum tipo de abuso ou simplesmente por terem nascidos pobres. Ao longo dos anos, depois de muitos embates, percebeu-se que o Código de Menores era deficiente ao tratar dos direitos da criança e do adolescente e na década de 70 o referido código foi anulado.

Com a criação da Constituição Federal de 1988, marca-se uma nova fase, trazendo liberdade, igualdade e fraternidade. Através disso, houve a elaboração do artigo 227, reconhecendo o papel fundamental da família na construção de uma sociedade saudável. A partir do exposto, entra em vigor em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

2.2. Estatuto da criança e do adolescente

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é uma lei federal nº 8.069/1990, onde se regulamenta os direitos legais da criança e do adolescente no Brasil.

Foi criado em 13 de julho de 1990, após regulamentar o artigo 227 da Constituição Federal de 1988. Tal Estatuto é resultado de debates conduzidos por movimentos sociais, organizações e instituições voltadas à conscientização e o respeito pela criança e pelo adolescente como indivíduos a terem direitos, composto por 267 artigos e uma carta de direitos fundamentais para a infância e a juventude.

O Estatuto é um avanço civilizatório, reconhecendo às crianças e os adolescentes como sujeito de direitos, pois os mesmos estão em desenvolvimento e precisam de proteção e cuidado por parte da família, da sociedade e do estado. A Lei trouxe uma mudança no padrão em que as crianças eram tratadas na sociedade e na família, como seres insignificante e com nenhum direito. Segundo Saraiva (2010), o Estatuto veio "desconstruindo a ideia de 'menor como objeto do processo' e introduzindo uma mudança paradigmática, criança e adolescente enquanto sujeito de direito, sujeito do processo, protagonista, cidadão".

A Lei nº 8.069/1990 considera criança o indivíduo até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade, onde a mesma garante proteção integral às crianças e aos adolescentes, estabelecendo o que de responsabilidade da família, da comunidade, da sociedade e do poder público, assegurando a efetivação dos seus direitos referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e com a sociedade.

Ao longo dos anos, o Estatuto passou por alguns aprimoramentos, como a Lei do Sistema Nacional Socioeducativo (Sinase) nº 12.594/2012, na qual regulamenta a execução de medidas socioeducativas no país, também houve a Lei da Primeira Infância nº 13.257/2016, que obriga o Estado a estabelecer políticas, planos, programas e serviços para a primeira infância e a Lei da Adoção nº 12.010/2009, que relata detalhes no processo de adoção.

Apesar de todos os avanços ao longo dos anos, a sociedade ainda não reconhece o real objetivo do ECA, se mostrando as vezes incrédulas e vendo-o como instrumento de impunidade. Diante disso fica o desafio de esclarecer e torná-lo conhecido e a necessidade de avançar na implementação na íntegra do Estatuto e das leis afins, que garantam que direitos fundamentais como educação de qualidade, assistência médica, moradia, alimentação, convivência familiar e comunitária, cultura, esporte, lazer, entre outros, possam ser realmente assegurados. Tal referido é de fundamental importância, pois as crianças e os adolescentes são sujeitos de direito, que vivem em período de desenvolvimento psicológico, físico, moral e social, dignos de receber, com prioridade absoluta, proteção integral.

3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL A LUZ DA PSICOLOGIA

Após a modernidade, a concepção de criança começou a ser vista de uma outra maneira, pois antes a mesma era tratada como um ser sem importância na sociedade e as famílias não proporcionavam nenhum tipo de atenção. Tal concepção mudou ao final do século XVII, com a participação dos movimentos reformadores ligados à igreja católica ou protestante, o estado e a criação de leis, na qual a criança passou a ter importância e o ensino passou a ser pelas instituições de ensino como meio de educação e as famílias passaram a acolher melhor as crianças, onde as mesmas deixaram de ser misturadas aos adultos e de aprender através do trabalho e do contato direto com eles. Boto (2002), observou que a entrada das crianças nas instituições de ensino, fez com que elas fossem entendidas como aluno e o mundo da infância foi separado do mundo adulto.

Vygotsky (2001), relata que a educação é movimento; nela não existe nada de passivo. De acordo com essa perspectiva, Vygotsky apresenta o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que se referem às experiências que são adquiridas durante a vida do sujeito, as quais são específicas dos seres humanos, onde os mesmos relacionam com o mundo, sua cultura, por meio de instrumentos físicos e simbólicos. Portanto, podemos citar como função psicológica presente no ser humano: a linguagem e a memória.

As crianças em seu processo de socialização estão ligadas a um processo de aprendizagem e desenvolvimento, através da assimilação dos hábitos, características comportamentais e culturais da sociedade na qual está inserida, tornando-se sujeitos constituintes de relações com as outras pessoas em seu meio social. Vygotsky (1991) ressalta que o brincar é parte fundante do desenvolvimento da criança. Ao brincar, a mesma analisa e pensa sobre sua realidade e o meio na qual está inserida, desenvolvendo algumas capacidades como: atenção, imitação, memória e imaginação.

Segundo Vygotsky (1991), o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal (distância entre a capacidade de resolver algo sob a orientação de alguém e a capacidade de resolver algo sozinho, sem a ajuda de ninguém) na criança e, por isso, tem ligação direta com o processo de aprendizado e desenvolvimento, na qual ocorre através da integração de crianças de diferentes níveis de desenvolvimento, onde as mesmas passam a aprender e aperfeiçoar suas habilidades. Convém

salientar da existência de fatores determinantes no processo de aprendizado, e que também estão inter-relacionados com o desenvolvimento da percepção, da memória, da afetividade, da imaginação, da aprendizagem, da linguagem, da atenção, dentre outros, dessa forma, a criança vai se desenvolvendo e se constituindo à medida que vai exercitando suas funções.

O autor relata que as emoções agem como um regulador interno do comportamento, quando são associadas aos estímulos externos, podendo levar ou não as pessoas a demonstrarem suas emoções. Convém pontuar que ligado ao aspecto emocional é possível citar também a imaginação, pois a mesma atua no sentido de estimular novas emoções e a memória, ajudando a criança a descobrir novas experiências, através das histórias, brincadeiras, vivência com a natureza e com a arte, e a intermediação com os adultos, no ouvir, no falar ou no apontar do dedo para algum objeto e/ou lugar. Mock (1970) enfatiza a importância da imaginação no processo de desenvolvimento da criança, dizendo que a mesma está ligada à inteligência e às emoções, podendo ser educada, evidenciando também que a experiência que ela fornece é mais importante e válida do que qualquer outra que possamos adquirir somente através do pensamento racional.

Outro ponto que deve ser levado em consideração e de fundamental importância é a linguagem, pois é possível considerar que o desenvolvimento das pessoas se dá, através da linguagem oral, gestual e/ou escrita. Segundo Vygotsky (1998), a criança é um ser social e faz parte de um contexto macrosocial, o qual interfere no seu comportamento através de atividades mediadas entre este ser e a linguagem, tornando-se instrumento de mediação entre as pessoas, funcionando como ponto de partida para o aprendizado e o desenvolvimento.

Rego (2002, p. 20), afirmou que:

De acordo com o modelo histórico-cultural, os traços de cada ser humano estão intimamente relacionados ao aprendizado, à apropriação do legado do seu grupo cultural. O comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere. Assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatos isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento.

Dessa maneira, quando a criança se insere em um contexto social por meio da linguagem, a mesma passa a conhecer o mundo e ao mesmo tempo o cria, o

recria e interage com ele. Nesse dinamismo de criação e transformação do mundo, encontram-se o jogo simbólico (caracteriza-se por recriar a realidade, pois a medida que a criança brinca, cria novas ideias e imita situações reais já vivenciadas, estimulando cada vez mais a imaginação e fantasia) e as funções psicológicas superiores (memória, consciência, percepção, atenção, pensamento, vontade e emoção) acompanhadas da linguagem, na qual criam zonas de desenvolvimento proximal, que é a relação entre o Desenvolvimento Potencial (capacidade de resolver algo sob a orientação de alguém) e o Desenvolvimento Real (capacidade de resolver algo sozinho, sem a ajuda de ninguém), onde tal zona contribui para a aprendizagem seguida de desenvolvimento.

Vygotsky (1993) comprova esse conceito por intermédio de uma análise entre o ensino e o desenvolvimento intelectual na idade escolar. Ele mostra que ao analisar o desenvolvimento de uma criança, onde não se detêm naquilo que já aprendeu, torna-se necessário captar aquilo que ainda está em processo de formação. O autor exemplifica o exposto através de duas crianças que apresentaram o mesmo nível de desenvolvimento real, ambas com a idade de 08 (oito) anos. Ao expor as mesmas naquilo que elas conseguiam fazer sozinhas, achou-se o mesmo nível de desenvolvimento. Em seguida as crianças foram expostas a uma situação em que seria necessário a ajuda de um adulto para solucionar o problema, sendo obtido o seguinte resultado: uma das crianças apresentou a mentalidade de uma criança de 09 (nove) anos, enquanto a outra mostrou a mentalidade de uma criança de 12 (doze) anos. Conforme o exposto, Vygotsky relata que o nível de desenvolvimento de uma criança é caracterizado por aquilo que ela consegue fazer com a ajuda de outras pessoas e que de acordo com o exemplo das crianças, pode-se dizer que o potencial de desenvolvimento não é igual nas crianças.

A respeito do desenvolvimento infantil, também podemos citar o psicólogo francês Henri Wallon, onde suscita a importância da afetividade no processo evolutivo, atendendo às necessidades da criança em três dimensões, são elas: afetivo, cognitivo e motor e promove o seu desenvolvimento em todos os níveis.

Galvão (1995, p. 98), relata que:

A ótica walloniana constrói uma criança corpórea, concreta, cuja eficiência postural, tonicidade muscular, qualidade expressiva e plástica dos gestos informam sobre os seus estados íntimos. O olhar se dirige demoradamente para a sua exterioridade postural, aproveitando todos os indícios.

Suponho eu que a sua instabilidade postural se reflete nas suas disposições mentais, e a sua tonicidade muscular dá importantes informações sobre seus estados afetivos.

Wallon (1981) elaborou um sistema de estágios, no qual cada um se caracteriza por uma atividade predominante, onde cada estágio significa a evolução mental e um tipo de comportamento definido pelas interações sociais.

Conforme o exposto, o autor organizou o sistema constituído por 05 (cinco) estágios da seguinte maneira:

- Impulsivo emocional: É o estágio que predomina a afetividade da criança, sendo expressada através de movimentos descoordenados, pois nessa fase a criança não possui coordenação motora bem desenvolvida;
- Sensório-motor e projetivo: É o estágio na qual a criança já dispõe da fala e da marcha, onde a mesma se volta para o mundo externo. A inteligência, nesse período, é dividida entre inteligência prática (obtida pela interação de objetos com o próprio corpo) e a inteligência discursiva (adquirida pela imitação e apropriação da linguagem);
- Personalismo: É o estágio na qual a criança se descobre, sendo marcada pela formação da sua personalidade e da autoconsciência;
- Categorical: É o estágio onde há na criança uma diferenciação mais nítida entre o eu e o outro, dando condições mais estáveis para a exploração mental do mundo externo, através de atividades cognitivas a criança desenvolve sua capacidade de memória, atenção voluntária e seletiva, categorizando os conceitos abstraídos. A organização do mundo em categorias possibilita uma maior compreensão de si mesma e
- Adolescência: É o estágio que vai aparecer a exploração de si mesmo, a busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, autoafirmação e questionamentos, contrapondo-se aos valores tal qual interpretados pelos adultos com quem convive.

Conforme os estágios descritos acima, o autor identificou a presença de quatro categorias fundamentais que surgem com maior ou menor intensidade nos estágios de desenvolvimento apresentados, são elas:

- Emoção: é a primeira linguagem da criança, sendo sua primeira forma de sociabilidade, por meio da qual são significadas as diversas situações (choro,

espasmos e entre outros.), transformando, assim, os atos que eram puramente impulsivos e motores em atos relacionais de comunicação;

- Imitação: aparece por volta do segundo ano de vida, estando ligado ao estágio sensório-motor e projetivo; por intermédio das atividades de investigação, caracterizada pela exploração do mundo dos objetos e pela inteligência das situações;
- Movimento: atribui muitas características ao ato motor, além de seu papel na relação com o mundo físico, o movimento tem uma função fundamental na afetividade e na cognição (Galvão, 1995, p.69) e até que a criança comece a falar, os movimentos é que vão auxiliar a interação no meio em que vive e
- O eu e o outro: o ser humano se constrói na relação com o outro. A individualidade só se faz possível no social, pois a construção do eu depende essencialmente do outro.

Segundo o pensamento sobre o desenvolvimento cognitivo, podemos citar Piaget (1973), no qual relata que o desenvolvimento da criança implica numa série de estruturas construídas progressivamente através da ação contínua, trazendo a interação como o elemento principal para estimular o desenvolvimento intelectual. O autor compreendia que a criança aprendia sobre o mundo através da exploração sensório-motor, acreditando também que conforme a mesma progredisse no decorrer dos estágios, usavam o raciocínio lógico para resolver problemas.

O autor relata que o ser humano só conhece a realidade atuando sobre ela, por isso estabelece uma relação com o meio através dos esquemas de ação (são compreendidos como os primeiros movimentos) e dos esquemas de representação (quando a criança adquire a capacidade de distinguir significante de significado). É através desses esquemas que as crianças entram em contato com o meio, onde a criança tenta encaixar em seus esquemas cada objeto novo percebido.

O autor baseou seus estudos em atividades lúdicas, na qual diz que elas são o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança.

Segundo Piaget (1976, p.160), afirma que,

O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a este seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as

realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil.

Piaget desenvolveu uma teoria denominada “epistemologia genética”, no qual diz que a partir do nascimento os seres humanos são submetidos a fases de desenvolvimento cognitivo, onde o mesmo descreveu quatro estágios de desenvolvimento, são eles:

- **Sensório motor (Do nascimento aos 2 anos):** Aborda o desenvolvimento da coordenação motora a partir dos estímulos que o bebê recebe, sejam desafios, espaços ou propostas lúdicas e a obtenção de informações sobre o mundo por meio de seus sentidos e habilidade motoras;
- **Pré-operatório (De 2 a 7 anos):** Mostra que a criança ainda percebe o mundo de acordo com suas experiências individuais e tende a se colocar no centro das atenções. É nesse mesmo momento em que ocorre a “fase dos porquês”, na qual há muita curiosidade sobre o mundo, sobre como as coisas são feitas e como funcionam;
- **Operatório concreto (De 7 a 12 anos):** Nesse momento a criança começa a resolver problemas concretos a partir da lógica. As regras sociais já estão mais internalizadas, coordenada por um senso de justiça e reciprocidade. É uma fase da lógica e da matemática, na qual as coisas são entendidas por meio de regras e padrões. Mas também é nesse momento em que as crianças aprendem a lidar com os pensamentos e questões conceituais, onde as pessoas têm sentimentos diferentes dos seus e
- **Operacional formal (De 12 a idade adulta):** Nesse estágio começa-se a formar opiniões e conceitos sobre temas como a sociedade e sua relação como indivíduo. Dessa forma o adolescente começa a ter consciência da razão, podendo entender doutrinas e teorias, conceituar termos e buscar compreender o real significado.

Conforme o pensamento dos psicólogos (Vygotsky, Henri Wallon e Piaget) que falam sobre o desenvolvimento, são enfocados a interação como o ponto fundamental para a compreensão e comunicação com as outras pessoas através da linguagem. Com o objetivo de conceituar a habilidade que o ser humano tem de

compreender que as outras pessoas também possuem mentes e desejos, David Premack e Guy Woodruff (1978) construíram o conceito de a teoria da mente.

Começando na infância, as crianças passam a entender que outras pessoas realizam ações por algum motivo (Gergely & Csibra, 2003; Sommerville & Woodward, 2005). O reconhecimento de que as ações podem ser intencionais reflete uma capacidade da teoria da mente, e possibilita que as pessoas compreendam, prevejam e tentem influenciar o comportamento dos outros (Baldwin & Baird, 2001).

Também é na infância onde o desenvolvimento moral acontece. Os teóricos (Tangney, Stuewig, & Mashek e Moll & de Oliveira-Souza) geralmente dividem a moralidade em raciocínio moral e em emoções morais. A partir do desenvolvimento cognitivo sugerido por Piaget, Lawrence Kohlberg, desenvolveu a teoria do julgamento, sendo constituído por três estágios, são eles: Nível pré-convencional (é onde o interesse próprio e os desfechos dos eventos determinam o que é moral); Nível convencional (é onde o cumprimento estrito das regras sociais e a aprovação dos outros determinam o que é moral) e Nível pós-convencional (é onde as decisões sobre a moralidade dependem de princípios abstratos e do valor de qualquer vida). Acredita-se que as ações na teoria desenvolvida pelo autor são influenciadas mais por emoções do que por processos cognitivos, pois alguns teóricos (Gilligan e Snarey) afirmam que o raciocínio moral não é capaz de prever o comportamento moral, pois exclui as complexidades da moralidade na vida cotidiana. Conforme exposto, Eisenberg (2000) relata que grande parte das emoções morais estão concentradas na empatia (relacionada a compreensão do estado emocional do outro) e na simpatia (relacionada aos sentimentos de preocupação, piedade ou tristeza pelo próximo).

Os psicólogos (William James & Carl Lange, Walter Cannon & Philip Bard e Stanley Schachter & Jerome Singer) consideravam os processos cognitivos (relacionado ao desenvolvimento intelectual do ser humano) como separados dos processos emocionais (relacionado as emoções provocadas por algum acontecimento). Os pesquisadores (Michael Gazzaniga, Todd Heatherton e Diane Halpern) estudaram a tomada de decisão, a memória, e entre outros, como se as pessoas estivessem avaliando as informações a partir de um cenário racional. Nesse meio tempo, as respostas sentimentais surgem rápida e automaticamente. Essas avaliações instantâneas orientam a tomada de decisão, a memória e o

comportamento. Conforme Phelps (2006), relata que os psicólogos em geral agora reconhecem que é ilusório tentar separar a emoção da cognição. Conforme observado por Steven Pinker (2011), A emoção motiva o fortalecimento das relações entre as pessoas, onde simpatizamos, confiamos e nos sentimos gratos àqueles que são suscetíveis de cooperar com a gente, recompensando-os com nossa própria cooperação. Tal motivação é descritas pelos psicólogos (William James & Carl Lange, Walter Cannon & Philip Bard e Stanley Schachter & Jerome Singer) como um processo que direciona e sustenta o comportamento em direção a um objetivo. A motivação pode ser extrínseca (relacionada a um objetivo externo, fatores externos) ou intrínseca (relacionada a um objetivo interno, interesse individual).

No processo de desenvolvimento, o ser recebe muitas motivações que auxiliam no crescimento de suas habilidades. O lúdico é uma atividade que atua diretamente no processo motivacional intrínseco, pois os jogos têm a função de facilitar o aprendizado do ser sobre os objetos no meio no qual está inserido, pois a partir do momento que se aprende a funcionalidade das coisas, é possível utilizá-las em tarefas mais complexas. Segundo Franken (2007), A criatividade é a tendência a produzir ideias ou alternativas que podem ser úteis para solucionar problemas, comunicar e entreter a nós mesmos e aos outros.

A partir do assunto exposto, pode-se observar os diferentes posicionamentos relatados pelos autores a respeito do processo de desenvolvimento e socialização da criança, sendo abordado também a importância da utilização do lúdico nesses processos.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho foi fundamentado em uma revisão integrativa de literatura que se configura como sendo a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. (Souza, Silva e Carvalho 2010).

Oliveira (2008) e Faria (2010), relatam que a revisão integrativa da literatura geralmente é empregada na análise de conceitos, revisão de teorias ou evidências e síntese do conhecimento sobre determinado assunto, permitindo identificar lacunas que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.

O critério utilizado nos objetivos da pesquisa foi de caráter exploratório, pois proporciona uma maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele. (Prodanov e Freitas 2013).

A questão problema teve uma abordagem qualitativa, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013) essa perspectiva é descritiva e utiliza o ambiente como fonte direta dos dados, na qual o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, sem a necessidade de usar métodos, técnicas estatísticas ou qualquer tipo de manipulação intencional do pesquisador.

A referida pesquisa seguiu o processo de elaboração da revisão integrativa, na qual se divide em 06 (seis) etapas: Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados; Categorização dos estudos selecionados; Análise e interpretação dos resultados e Apresentação da revisão/síntese do conhecimento. (Botelho, Cunha e Macedo 2011).

4.1. Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa

O tema abordado na pesquisa surgiu a partir do interesse da autora em estudar sobre o assunto e as contribuições que impactam no desenvolvimento da criança, na qual foram feitas leituras a respeito do tema e alinhado com a orientadora do trabalho.

A pesquisa buscou tratar a importância da psicomotricidade no desenvolvimento infantil, pois nessa fase a criança começa a se relacionar com a

sociedade, aprendendo coisas novas e se descobrindo, e essa ciência pode contribuir para a formação e o desenvolvimento de sua capacidade afetiva, cognitiva e motora. Tal estudo poderá colaborar com os psicólogos, pedagogos e/ou profissionais da educação a compreenderem a importância da psicomotricidade na vida da criança.

4.2. Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão

Para a realização deste trabalho, foi feita uma busca pelo material bibliográfico no período de 01 de março de 2021 a 30 de abril de 2021, na qual foram utilizadas as seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Os descritores utilizados na pesquisa dos documentos foram: "Psicomotricidade", "Psicomotricidade and Desenvolvimento Infantil", "Psicomotricidade and Lúdico", "Psicologia", "Família", "Família and Desenvolvimento Infantil".

Os critérios para realizar a inclusão do material foram: título e resumo das publicações relacionado ao tema; textos completos e em português; podendo ser artigos, teses e dissertações e trabalhos de conclusão de curso (TCC); utilizando um recorte temporal de 20 (vinte) anos, devido à escassez de trabalhos que abordassem a temática da pesquisa. Os critérios de exclusão utilizados foram: artigos, teses e dissertações e trabalhos de conclusão de curso (TCC) publicados há mais de 20 (vinte) anos; textos em plataformas pagas, incompletos e em língua estrangeira.

De acordo com o critério de inclusão e exclusão, foi aplicado o filtro no processo de pesquisa nas bases de dados utilizando os seguintes descritores: "Psicomotricidade", "Psicomotricidade and Desenvolvimento Infantil", "Psicomotricidade and Lúdico", "Psicologia", "Família", "Família and Desenvolvimento Infantil", na qual foram encontrados um total de 393 (trezentos e noventa e três) publicações.

A partir do resultado da pesquisa, aplicando os critérios de seleção foram encontrados um total de 153 (cento e cinquenta e três) publicações, conforme processo descrito na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Processo de pesquisa e filtragem das publicações.

PROCESSO DE FILTRAGEM	PEPSIC	SCIELO	TOTAL
Filtragem por meio das palavras "Psicomotricidade", "Psicomotricidade and Desenvolvimento Infantil", "Psicomotricidade and Lúdico", "Psicologia", "Família", "Família and Desenvolvimento Infantil".	89	304	393
Filtragem dos descritos pelo recorte temporal de 20 anos, textos completos e em língua portuguesa.	68	85	153

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4.3. Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados

Após a leitura dos títulos das publicações e a relação com as seguintes palavras-chave: “Criança”, “Desenvolvimento Infantil”, “Lúdico”, “Psicologia” e “Psicomotricidade”, dos 153 (cento e cinquenta e três) encontrados por meio dos descritores e dos filtros, foram selecionados 10 (dez) publicações para compor a estruturação do referido trabalho, conforme descritos no **Quadro 1** e explicados posteriormente.

Quadro 1 – Apresentação dos trabalhos selecionados.

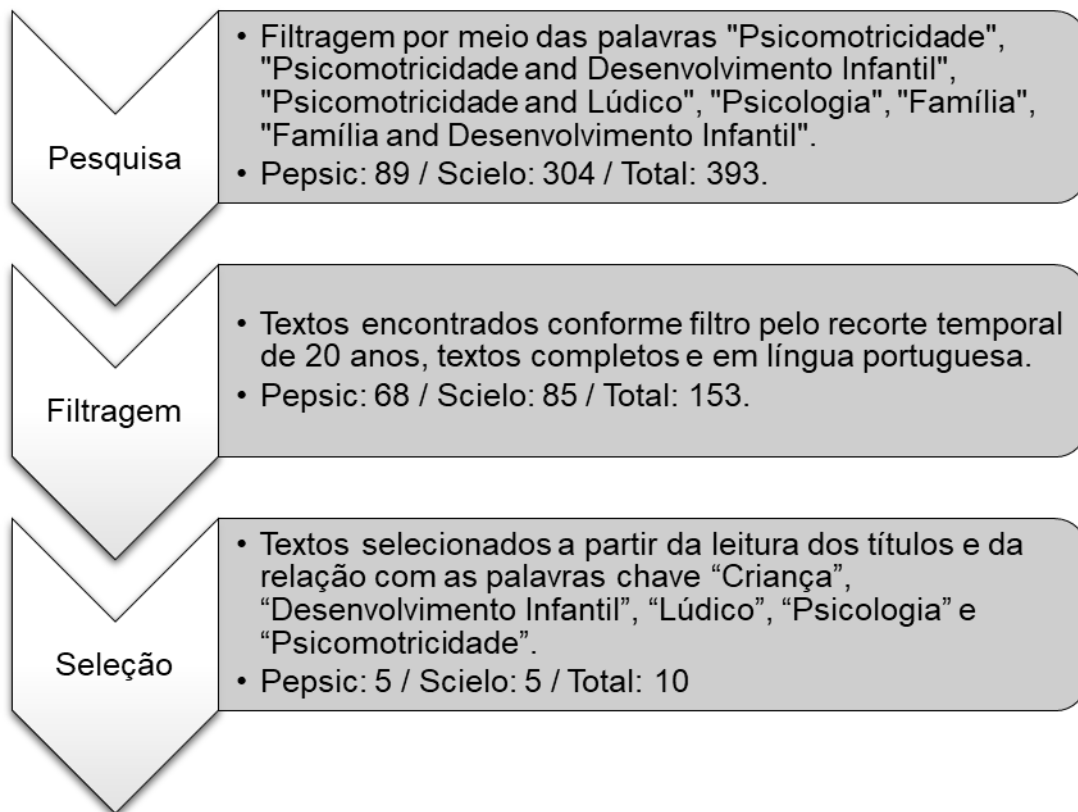
TÍTULOS	AUTORES	ANO
A percepção do pedagogo sobre o desenvolvimento psicomotor na educação infantil	Ana Luisa Sacchi Andreia Cristina Metzner	2019
Desempenho percepto-motor, psicomotor e intelectual de escolares com queixa de dificuldade de aprendizagem	Samara Lilian Zulian Ruas da Silva Maria Carolina Camargo de Oliveira Sylvia Maria Ciasca	2017
Ludicidade: compreensões conceituais de pós-graduandos em educação	Márcia Mineiro Cristina D'Ávila	2019
O corpo, o lúdico, e o bem-viver	Briseida Resende	2018
O lúdico e a ampliação de perspectivas em atividades pedagógicas	Ana Carla Cividanes Furlan Scarin	2016
Psicomotricidade e desenvolvimento: concepções e vivências de professores da educação infantil na amazônia setentrional	Idonézia Collodel Benetti Paulo Henrique Pinheiro de Barros Fernanda Ax Wilhelm Ana Paula da Rosa Deon João Paulo Roberti Junior	2018

Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção	Jorge Manuel Gomes de Azevedo Fernandes Paulo José Barbosa Gutierrez Filho Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende	2018
Psicomotricidade: uma visão pessoal	Vitor da Fonseca	2010
Tendências da educação psicomotora sob o enfoque walloniano	Elda Maria Rodrigues de Carvalho	2003
Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil	Nancy Capretz Batista da Silva Célia Cristina Nunes Michelle Cristine Mazzeto Betti Karyne de Souza Augusto Rios	2008

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

4.4. Categorização dos estudos selecionados

Fluxograma 1 – Processo de pesquisa, filtragem e seleção das publicações



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O **Fluxograma 1** descreve o processo de escolha das publicações, na qual abrange a pesquisa, a filtragem e pôr fim a seleção dos textos. Na primeira parte do processo que é a pesquisa inicial retornou um total de 393 (trezentos e noventa e

três) trabalhos; Na segunda parte que é a filtragem obtivemos um total de 153 (cento e cinquenta e três) trabalho e Na terceira e última parte que é a seleção do trabalhos, escolhemos conforme a leitura dos títulos das publicações e a relação com as seguintes palavras-chave: “Criança”, “Desenvolvimento Infantil”, “Lúdico”, “Psicologia” e “Psicomotricidade”, selecionamos um total de 10 (dez) publicações para compor o referido trabalho.

As demais etapas relacionadas por Botelho, Cunha e Macedo (2011), a etapa 5 (Análise e interpretação dos resultados) será abordada no capítulo 5 - Relação entre a psicomotricidade e os recursos lúdicos e no capítulo 6 - As contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil e a etapa 6 (Apresentação da revisão/síntese do conhecimento) será abordada no capítulo 7 - Considerações Finais.

5. RELAÇÃO ENTRE A PSICOMOTRICIDADE E OS RECURSOS LÚDICOS

Morizot (2018), relata que a psicomotricidade surgiu no início do século XIX, a partir do discurso médico atribuída a Karl Wernick, tendo como berço a França. O termo apareceu em um primeiro momento como uma tentativa de ultrapassar o esquema anátomo-clínico, que determinava para cada sintoma sua correspondente lesão focal (danos decorrentes do impacto em um local específico do cérebro). Percebe-se que já não se podia explicar alguns fenômenos patológicos (é aquele que se desenvolve fora da norma, como uma doença), e que a neurofisiologia começava a constatar disfunções graves sem que o cérebro estivesse lesionado ou sem a localização clara da lesão. A partir do exposto, surgiu a necessidade de encontrar uma área que pudesse explicar tais fenômenos patológicos.

Em 1870, o médico em suas primeiras pesquisas com enfoque neurológico, tenta caracterizar as explicações dos fenômenos patológicos, de Psicomotricidade. Em 1909, Dupré ao estudar a relação motricidade e a inteligência, estabelece melhor a área psicomotora, afirmando que não existe uma relação entre debilidade mental e a motora. Em 1925, Wallon surge com o estudo sobre a relação entre a motricidade e o caráter, na qual coloca o movimento humano como instrumento na construção do psiquismo (conjunto de características psicológicas de um indivíduo).

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (1998), as atividades com movimento contemplam a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento da motricidade das crianças, abrangendo acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como ações voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança. De acordo com o exposto, pode-se dizer que o movimento tem um papel fundamental na construção da identidade do ser e na comunicação com o meio social, pois é por meio da ação de movimentar que a criança se comunica, interage e descobre os seus limites.

De acordo com Fonseca (2010), a psicomotricidade pode ser definida como o campo transdisciplinar (mais de uma disciplina) que estuda e investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas entre o psiquismo (conjunto de características psicológicas de um indivíduo) e a motricidade (conjunto de funções nervosas e musculares que permite os movimentos do corpo).

A psicomotricidade é fundamentada em três pilares básicos, como: motor, cognitivo e emocional, onde os três pontos precisam estar em equilíbrio, pois caso não esteja, poderá acarretar alguns problemas no desenvolvimento do ser, como nas habilidades de: leitura, escrita, fala, atenção, raciocínio e entre outros.

A Associação Brasileira de Psicomotricidade (2019) define a psicomotricidade como a ciência que tem como objetivo de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar e agir com os objetos, com o outro e consigo mesmo, dessa forma essa ciência estaria relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e motoras.

Conforme exposto, a psicomotricidade tem o ser humano como objeto de estudo, através do seu corpo em movimento e sua relação com o meio no qual está inserido. Percebe-se que tal ciência pode ser observada em várias atividades, como a coordenação motora, equilíbrio, atenção, identificação de objetos e entre outros, tornando-se um ponto fundamental no processo de desenvolvimento da criança.

Wallon (1995), diz que o movimento não é apenas um deslocamento no espaço de um lugar para outro, nem muito menos uma simples contração muscular, é uma relação afetiva com o mundo, sendo a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo; podemos então concluir que o desenvolvimento motor é precursor das demais áreas (cognitivo e emocional). Os estudos desse autor estavam direcionados para a relação entre as emoções e o comportamento tônico (comunicação não verbal, demonstrada através de movimentos), expondo a importância dos movimentos no desenvolvimento da criança.

Ferreira (1998), relata que não existe aprendizagem sem que seja registrado no corpo, pois o indivíduo precisa sentir, pensar e agir para poder aprender. Conforme exposto, o autor destaca a importância dos movimentos nas ações de construção do desenvolvimento, pois é a partir do ato motor que indivíduo expressa um pensamento.

Meur & Staes (1984), relatam que o intelecto se constrói a partir da atividade física, onde as funções motoras (movimento) não podem ser separadas do desenvolvimento intelectual (memória, atenção, raciocínio) nem da afetividade (emoções e sentimentos). Vamos tomar como exemplo a atividade de ler e escrever, para que esse ato seja desenvolvido adequadamente, é necessário o domínio das

habilidades (motora, intelectual e afetiva) relacionadas a esse processo, onde tais aptidões são a base das manifestações psicomotoras.

Silva (2004), argumenta que a psicomotricidade tem como principal propósito melhorar o comportamento geral do indivíduo, promovendo um trabalho constante sobre as condutas motoras, na qual o indivíduo toma consciência do seu corpo, desenvolvendo o equilíbrio, controlando a coordenação motora global (movimentos amplos, como mudança de direção e equilíbrio) e fina (movimentos delicados, com usar as mãos ou os pés) e a respiração bem como a organização das noções espaciais (capacidade que o indivíduo tem de se orientar em relação em um determinado espaço, utilizando referências conhecidas por ela) e temporais (capacidade que o indivíduo tem de se situar em função dos acontecimentos, tendo uma noção do tempo das ocorrências dos fatos).

O movimento é a parte integrante do comportamento humano, mas para que haja o desenvolvimento integral do mesmo, Santos & Cavalari (2010) relatam que é preciso ter profissionais capacitados e sensíveis quanto a importância da psicomotricidade, considerando que ela envolve toda ação realizada pelo indivíduo, que representa suas necessidades e permita suas relações com os demais que estão ao seu redor.

Segundo Alves (2008), o ser humano não é feito de uma só vez, ele se constrói a cada dia, por meio de suas próprias realizações e a interação com o meio, onde a psicomotricidade realiza um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo. A cada dia o processo de desenvolvimento da criança se torna essencial, onde a mesma utiliza os objetos e seu próprio corpo no processo de interação e conhecimento do meio no qual está inserido.

Esse mesmo autor (2012), afirma que a psicomotricidade existe nos menores gestos e em todas as atividades que desenvolve a motricidade da criança, visando o conhecimento e o domínio do seu próprio corpo. O ser humano percebe as coisas ao seu redor e alcança algumas noções (em cima, embaixo, perto e longe) através do seu próprio corpo. O desenvolvimento varia de criança para criança, pois por serem singulares apresentam desempenhos diferentes.

Conforme exposto, vale ressaltar que no processo de desenvolvimento da criança, é de fundamental importância a utilização dos recursos lúdicos (brincadeiras e jogos) juntamente com a psicomotricidade, pois a mesma vai auxiliar a criança na construção de sua personalidade em relação a mente e o corpo. Segundo Vygotsky

(2011), tanto os jogos como as brincadeiras influenciam no desenvolvimento da criança, mas sempre se faz necessário a mediação de um profissional capacitado (professor ou psicólogo) para intermediar as regras e os limites de cada jogo e brincadeira.

Aranha (2016), a psicomotricidade e os recursos lúdicos agem como fatores fundamentais que devem ser trabalhados desde os primeiros anos de vida da criança. O lúdico é um método fundamental para o desenvolvimento da criança por meio de brincadeiras ou jogos, na qual exploram a imaginação, a memória e a afetividade. Nesse contexto convém frisar que o desenvolvimento motor e mental da criança tem o objetivo de dominar o corpo e alcançar movimentos espontâneos (ler, escrever, falar, andar) que determinam seu comportamento.

Luckesi (1994), menciona que a atividade lúdica ajuda a desenvolver a capacidade criativa da criança, atuando como uma ação natural e ao mesmo tempo prazerosa para ela, proporcionando uma melhor qualidade da vida escolar. Para o autor a prática das brincadeiras é um instrumento eficaz que permite a interação do interior da criança com o mundo exterior, por isso se faz necessário a contribuição dos recursos lúdicos juntamente com a psicomotricidade para o processo de desenvolvimento da criança, tornando-as um ser mais social com o meio no qual está inserido.

Segundo Vayer (1984, p. 16),

Trata-se de uma educação global que, associando os potenciais intelectuais afetivos, sociais, motores e psicomotores da criança, lhe dá segurança, equilíbrio, e permite o seu desenvolvimento, organizando corretamente as suas relações com os diferentes meios nos quais tem de evoluir.

O brincar é o ato que a criança tem de exprimir o seu dia a dia, pois tal ação ajuda no processo de aprendizagem, na construção de sua identidade e estabelece uma relação de desenvolvimento do ser nos aspectos físico, social, afetivo, emocional, cultural e cognitivo.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 23),

No plano da consciência corporal na infância, a criança começa a reconhecer a imagem de seu corpo, o que ocorre principalmente por meio das interações sociais que estabelece e das brincadeiras que faz diante do espelho. Nessas situações, ela aprende a reconhecer as características físicas que integram a sua pessoa, o que é fundamental para a construção de sua identidade.

Vale salientar a importância de uma sensibilização dos pais e dos profissionais (professores, educadores ou psicólogos) em relação a necessidade de que o lúdico seja vivenciado na infância, não como uma simples brincadeira e sim como parte fundamental no processo de construção do desenvolvimento da criança. O brincar na infância oferece a criança o estabelecimento de regras constituídas por si mesma e para o grupo ao seu redor, onde tais regras contribuem para a interação com o meio social. Aranha (2016), relata que dessa maneira a criança estará preparada para enfrentar conflitos e desenvolver a capacidade de entender diferentes pontos de vista, compreendendo a sua opinião em relação ao meio na qual está inserida.

Conforme vem sendo exposto, observa-se a necessidade da ludicidade no dia a dia da criança, onde tal atividade contribui na área psicológica e pedagógica no desenvolvimento infantil, interagindo com os fatos e ações no aspecto cognitivo da criança. A ludicidade tem o objetivo de estudar, discutir e integrar as brincadeiras e os jogos como processo de desenvolvimento e auxiliar a construção do conhecimento.

A brincadeira e o jogo são uma forma de comunicação e interação entre si e com os outros, pois é através dessas atividades que a criança pode estabelecer a capacidade de agir mediante as suas limitações, desenvolver a habilidade de separar características da atividade que não se mostram importantes e de agir através da percepção dos objetos.

6. AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A psicomotricidade tem o ser humano como objeto de estudo através do seu corpo em movimento e sua relação com o meio no qual está inserido. Tal ciência contribui bastante para a formação e estruturação corporal do indivíduo, tendo como principal objetivo, incentivar a prática do movimento em todas as fases da vida da criança (infância, adolescência, juventude, adulta e velhice). É por meio das brincadeiras e jogos que as mesmas se desenvolvem, se divertem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo onde vivem.

De acordo com Barreto (2000), o desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação da força, da postura, da lateralidade (discernimento que o indivíduo tem de perceber que o ser humano possui dois lados), direcionalidade (capacidade para transferir a lateralidade para as noções de esquerda e direita) e do ritmo. Para que a educação psicomotora seja trabalhada na prevenção e reeducação, se faz necessário a utilização das funções motoras, cognitivas e afetivas, pois através disso a criança explora o ambiente e passa por experiências concretas, na qual contribuem para o seu desenvolvimento intelectual, tornando-se capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca.

Conforme exposto, percebe-se a educação da criança através do movimento de seu próprio corpo, levando em consideração sua idade, a cultura corporal e seus interesses. Dessa forma, a psicomotricidade trabalha os seguintes aspectos: Qualidade física (força, flexibilidade, agilidade, velocidade, coordenação motora, equilíbrio, noções de espaço e tempo e lateralidade), Afetivo e Social (socialização e desenvolvimento de traços de personalidade como a organização, disciplina, responsabilidade, coragem e solidariedade) e Cognitivo (capacidade de análise e desenvolvimento de memória).

No âmbito escolar é possível observar diferenças entre as crianças, pois existem aquelas que correm, brincam, leem e escrevem sem nenhuma dificuldade, mas também há crianças que apresentam algum tipo de dificuldade nas práticas dos exemplos citados acima. Diante dessas diferenças, a psicomotricidade surge para auxiliar tais dificuldades, procurando proporcionar as crianças condições mínimas e necessárias para um bom desempenho escolar. Nesse sentido, buscando atingir tais

objetivos, os professores e educadores podem utilizar jogos psicomotores para trabalhar o processo de alfabetização como: 1) Recortar letras coloridas e pedir para as crianças formarem palavras usando cores iguais; 2) Determinar um movimento para cada vogal e pedir para as crianças reproduzirem; 3) Escrever sílabas em copos coloridos e dizer para elas empilharem os objetos formando uma palavra e 4) Usar jogo da memória para diferenciar vogais e consoantes.

Segundo Fonseca (1988), a criança busca experiência em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal. Diante disso a psicomotricidade permitirá a compreensão da criança em relação ao seu corpo e as formas de se comunicar por meio dele. A fim de se alcançar um trabalho de esquema corporal, o profissional responsável poderá aplicar algum jogo psicomotor que tenha ênfase nessa questão, um exemplo disso é desenhar o corpo da criança e nomear as partes do corpo, em seguida as mesmas terão que ligar o nome a respectiva parte do corpo.

Rosa (2015), para que uma criança aprenda a ler e a escrever, existem alguns requisitos básicos como: domínio do gesto, esquema corporal, lateralização, percepção, audição e visão. Tais requisitos devem ser trabalhados antes de se colocar em prática, pois caso não seja aplicado, a criança poderá acarretar em dificuldades futuras como baixa percepção, falta de controle corporal, equilíbrio e coordenação. Partindo desse contexto, podemos afirmar que quando esses aspectos não são trabalhados, futuramente a criança poderá apresentar dificuldades na caligrafia ou sentir dor ao escrever, pois a mesma não tem domínio do gesto e não manipula o objeto de forma adequada. Uma forma de trabalhar tais requisitos é: 1) Desenhar no chão algumas letras e pedir que a criança caminhe sobre elas; 2) Desenhar na areia as letras, utilizando um palito ou o dedo e 3) Modelar letras utilizando argila ou massa de modelar.

Conforme exposto, esses pontos devem ser trabalhados, pois a criança necessita de precisão, habilidade manual e uma boa coordenação visual para a realização dos movimentos, pois a psicomotricidade propicia um domínio melhor do corpo, tornando-se fator essencial e indispensável ao desenvolvimento da criança.

Fonseca (1996), classifica a psicomotricidade com um caráter preventivo, com a exploração do corpo em seus potenciais, possibilita à evolução das ações psicomotoras, e assim contribuindo para a melhora no desenvolvimento dos alunos. A aplicação de atividades psicomotoras torna as crianças mais saudáveis, trabalha a

postura, fortalece a musculatura, a socialização, cooperação, estimula a vencer desafios, estimula a concentração, descarrega tensões físicas e psicológicas, proporcionando a criança a lidar com as circunstâncias com mais facilidade e energia.

A psicomotricidade também é aplicada na reeducação da criança, tendo como objetivo modificar comportamentos adquiridos pela criança por algum tipo bloqueio (caligrafia, audição, fala, pensamento, visão, compreensão) e que poderá atrapalhar o desenvolvimento e causar dificuldades de aprendizagem. Segundo Filho e Sá (2001), a reeducação psicomotora constitui-se em uma abordagem dos problemas de motricidade e de emoção, auxiliando o indivíduo nas múltiplas ações da vida.

Conforme vem sendo exposto, observa-se que a psicomotricidade trabalha em dois pontos de vista, são eles: educação psicomotora (prevenção de distúrbios motores) e reeducação psicomotora (dificuldades e atrasos psicomotores), sendo necessário profissionais especializados para ministrarem a reeducação psicomotora.

O Psicomotricista é o profissional que trabalha na reabilitação motora, avaliando, prevenindo, cuidando e pesquisando o indivíduo na relação com o ambiente e processos de desenvolvimento, tendo por objetivo diagnosticar as causas dos distúrbios, fazer o levantamento dos comportamentos adquiridos e das dificuldades que a criança apresenta, sendo feita uma programação de reeducação posteriormente, que segundo Fontana (2012), muitas das vezes os distúrbios psicomotores não se apresentam sozinhos, mas em um contexto geral, esse profissional pode englobar dificuldades mentais, psiquiátricos, neurológicos e afetivos.

Segundo Coste (1978) idealiza, a reeducação psicomotora atua em dois eixos diferentes, onde o primeiro é a reeducação psicomotora como técnica de condicionamento e que consiste em eliminar os mecanismos e hábitos que o sujeito adquiriu, na qual deram lugar aos distúrbios que o levou a reeducação; o autor enfatiza que o terapeuta deve estimular a criança e utilizar exercícios lúdicos na realização do processo de reeducação.

O autor (1978) relata que o segundo eixo da reeducação psicomotora é a atitude essencialmente relacional, na qual abrange o aspecto relacional e afetivo entre a pessoa que está realizando a atividade e a criança, sendo um fator importantíssimo na evolução do processo até a restauração do indivíduo. O

trabalhado desenvolvido leva em consideração a abordagem do aspecto motor e principalmente a afetividade e a socialização do infante.

De acordo com De Meur e Staes (1991, p. 33):

A reeducação é urgente, sobretudo para o eixo afetivo. Quanto mais a criança se bloqueia em um tipo de reações, sente-se mais angustiada, e as punições ou as observações de seus conhecidos só agravam essa angústia. A reeducação ajudará a dotar um outro comportamento e, pouco a pouco os que a cercam a verão de forma mais positiva.

A reeducação do eixo afetivo é urgente, pois segundo Coste (1978), na etapa de restabelecimento do referido eixo, ocorre fase de agressividade, de dependência, de identificação e de aquisição, na qual a criança se projeta na pessoa do terapeuta. Durante o processo, cada uma dessas fases fornece informações e a evolução sobre a afetividade da criança.

Fontana (2012) fala que para se ter uma boa relação com a criança, se faz necessário que o terapeuta crie um diálogo, converse e busque informações que lhe faltam. Tais ações poderão ser alcançadas através da comunicação corporal, pois através do corpo obterá base e apoio para conseguir um bom relacionamento e alcançar a reabilitação dos gestos como forma de expressão, como no seu modo de pensar e agir.

Meur e Staes (1991, p. 24) expõe que:

Uma reeducação bem dirigida ajuda a criança a resolver seu problema a partir do momento em que surge, a perder menos tempo para se desenvolver afetiva e intelectualmente, em suma torná-la feliz na escola e na sociedade.

Conforme o autor é de fundamental importância que a criança tenha uma reeducação de qualidade, pois proporcionará a ela a capacidade de progredir nas suas habilidades e potencialidades, tornando a escola em um local para suas aquisições afetivas, físicas e cognitivas. Nesse cenário, busca-se alcançar tais objetivos, onde as escolas devem trabalhar a psicomotricidade utilizando atividades lúdicas, onde a cultura do brincar faz parte da criança. Segundo Benjamim (1994) e Vygotsky (1989), o jogo, as brincadeiras e o movimento são componentes indicados por eles como suporte da cultura infantil, onde há recriação da cultura de mundo.

Segundo estudos realizados por Oliveira (2015), o estímulo dos aspectos psicomotores, desde o início da escolarização do aluno, contribui satisfatoriamente

para a alfabetização e conseqüentemente possibilita melhores resultados em relação ao desempenho escolar.

A psicomotricidade também pode ser utilizada para ajudar no desenvolvimento de crianças que são diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo a APA (2014), o TEA é caracterizado por déficits na comunicação social, interação social e em padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Conforme Vieira (2014), para a psicomotricidade, a aprendizagem e o desenvolvimento determinam-se pela relação afetiva com o outro, de modo que, para promover o desenvolvimento integral das crianças são considerados os aspectos cognitivo, social, psicoafetivo e psicomotor. É nos primeiros anos de vida escolar que se inicia novas relações sociais e afetivas, bem como se adquire as bases psicomotoras necessárias para a aquisição e assimilação dos conteúdos a serem aprendidos.

Segundo Ferreira (2016), o transtorno do espectro autista necessita de um acompanhamento permanente, com estratégias de intervenções que dêem respostas as necessidades e aos déficits apresentados. O autor (2016), relata que tais intervenções devem estimular as áreas de cognição, socialização, da comunicação, da autonomia, do comportamento, do jogo e das competências educacionais.

Segundo Moro et al. (2007), Lapierre incluiu o adjetivo “relacional” ao termo “psicomotricidade” para diferenciar suas concepções e sua prática em relação a outras técnicas que também têm o nome de psicomotricidade. A psicomotricidade relacional explora as formas de comunicação, principalmente a não verbal, contribuindo com o desenvolvimento relacional, psicomotor e afetivo das crianças com TEA, tendo como base a concepção global do ser humano e com o objetivo de desenvolver a relação da criança consigo, com o outro e com o mundo através do jogo simbólico (situações imaginárias), contribuindo com a formação da personalidade e a interação social.

Costa e Dantas (2014) afirmam que o objetivo da Terapia Psicomotora Relacional é modificar as estratégias relacionais do indivíduo e levá-lo a desenvolver potencialmente sua capacidade de ação inteligente e criadora em sua integridade.

Boato (2013) enfatiza a utilização de atividades sensório-motoras, pois devido à dificuldade de se comunicar, a criança tem a oportunidade de vivenciar no corpo o

seu vigor, na relação com o outro no mundo, onde tais vivências irão desenvolver o seu potencial cognitivo-afetivo.

Segundo Falkenbach, Diese e Oliveira (2010), O processo de experimentação corporal nas práticas de psicomotricidade relacional é voltado para provocar situações relacionais a partir do brincar, onde estas situações proporcionam à criança o aprendizado e a descoberta de capacidades corporais, bem como reflexões e produções quando brinca em grupo.

Conforme Costa e Dantas (2014), dessa forma, considerando as características do Transtorno do Espectro Autista, a mediação corporal feita pela psicomotricidade relacional, fornece a criança um “tempo e um espaço no qual ela possa mostrar-se em sua inteireza, através da espontaneidade do brincar, buscando facilitar o seu desenvolvimento global, a sua afetividade e a interação social.

6.1. Desafios da psicomotricidade no desenvolvimento infantil

Num contexto de dificuldades das crianças, torna-se necessário ter uma equipe qualificada e recursos suficientes para se ter uma abordagem e aplicação de trabalhos direcionados às necessidades das crianças.

No artigo “Psicomotricidade e desenvolvimento: concepções e vivências de professores da educação infantil na amazônia setentrional” de autoria de Idonézia Collodel Benetti, Paulo Henrique Pinheiro de Barros, Fernanda Ax Wilhelm, Ana Paula da Rosa Deon e João Paulo Roberti Junior, foi realizado uma pesquisa, com objetivo de verificar a percepção de algumas professoras sobre psicomotricidade e educação infantil. O resultado da pesquisa trouxe alguns pontos que dificultam a realização de atividades psicomotoras.

O primeiro ponto abordado por umas das professoras foi a questão da falta de materiais e espaço adequado para a realização das atividades, onde muitas vezes as professoras se reúnem e utilizam recursos próprios para a execução da programação elaborada pela equipe.

Outro ponto observado na pesquisa é a falta de conhecimento dos professores e a falta de suporte especializado em psicomotricidade, pois algumas docentes relataram a dificuldade de se trabalhar com as crianças que apresentam falhas no desenvolvimento psicomotor e crianças indisciplinadas que atrapalham o

andamento das atividades, onde tal equipe teria a função de auxiliar os professores no modo de trabalhar com tais crianças.

Conforme vem sendo abordado, outro ponto que tem o papel fundamental no desenvolvimento infantil que é a família. Segundo Pereira Silva e Dessen (2003), as interações estabelecidas no microsistema família são as que trazem implicações mais significativas para o desenvolvimento da criança, embora outros sistemas sociais como a escola, local de trabalho dos pais, clube e entre outros, também contribuam para o seu desenvolvimento. Segundo Colnago (1991), a grande maioria das crianças adquire com a família as primeiras situações de aprendizagem e introjeção de padrões, normas e valores, e se a mesma não estiver funcionando adequadamente, as interações, principalmente pais, bebê e com a sociedade, serão prejudicadas. Diante do exposto, percebe-se que a criança não mantém relacionamentos somente com os pais, pois também se relacionam com os demais familiares, onde tal convívio é de fundamental importância no desenvolvimento da criança e em várias áreas da sua vida.

Segundo Erikson e Kurz Riemmer (1999) e Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), crianças que fazem parte de famílias e ambientes que apresentam fatores de risco (abuso de álcool, drogas, presença de atividade criminal, doenças psiquiátricas, falta de apoio social, condições inadequadas de habitação, saúde, educação, alimentação e entre outros), impactam no desenvolvimento do indivíduo, podendo diminuir a probabilidade da criança tornar-se competente e senso de bem estar e levar a um aumento de ocorrência de resultados negativos e indesejáveis, onde a criança futuramente poderá apresentar as mesmas dificuldades, atos e vícios praticados pelos familiares ou vivenciados no ambiente na qual passou a infância.

Conforme vem sendo exposto, o engajamento da família no desenvolvimento da criança é de suma importância, pois segundo D'Avila Bacarji, Marturano e Elias (2005), a participação ativa dos pais na instrução e motivação na vida escolar, levam a um resultado positivo e um bom desempenho escolar. Com o objetivo de compreender tal relação, Bradley et al. (1988), observaram por meio de materiais e jogos apropriados, que quando seus pais impulsionam seus filhos a terem experiências sociais e culturais, as crianças apresentam um melhor desempenho escolar.

Conforme a abordado, observa-se que a família é um ambiente na qual o indivíduo está inserido ao longo do seu crescimento, onde o ambiente familiar tem

bastante relevância em seu desenvolvimento, na qual proporciona ao indivíduo a porta de entrada da socialização, transmitindo valores, crenças e a cultura na qual está inserido, influenciando em sua formação.

6.2. Psicomotricidade e a Psicologia

Conforme vem sendo abordado, a psicomotricidade é a ciência que estuda o ser humano através do corpo em movimento. Com o objetivo de reconhecer a forma como o indivíduo organiza o pensamento e se relaciona. Aranha (2016) relata que a ludicidade, juntamente com a psicomotricidade, tem fundamental importância para o desenvolvimento da criança, na qual constrói sua personalidade em relação à mente e o corpo.

Quando o psicólogo utiliza a psicomotricidade no atendimento terapêutico, o mesmo busca resgatar o movimento dos jogos infantis, o contato com o chão, trabalhar a coordenação motora e o senso espacial, além de compreender o motivo que levou o paciente à clínica. Segundo Levin (2007), o ato de brincar surge na clínica psicomotora para que a criança se manifeste espontaneamente e externalize seus desejos e suas ações.

Negrine (1995), relata que a Psicologia buscou durante anos compreender e solucionar o desenvolvimento da criança a medida em que ela crescia e amadurecia fisicamente, pois sua mentalidade também se desenvolvia e o seu comportamento social e emocional mudava. A partir desse pensamento surge a educação psicomotora, na qual é entendida como uma metodologia de ensino que instrumentaliza o movimento humano enquanto meio pedagógico para favorecer o desenvolvimento da criança. Carvalho (1996), menciona que a educação psicomotora não se restringe somente ao âmbito escolar, compreendendo também os aspectos corporais, motores, emocionais, intelectuais e sociais.

Nesse contexto podemos observar que inicialmente a psicomotricidade era voltada para área patológica, mas com o passar do tempo Henri Wallon trouxe uma visão mais aprofundada no âmbito do desenvolvimento infantil, não relacionado somente a questão da doença, mas também ligado ao desenvolvimento da criança nas idades iniciais. De acordo com Fonseca (1995), Wallon foi o principal responsável pelo nascimento do movimento da reeducação psicomotora.

Wallon em seus estudos propôs estudar o desenvolvimento infantil a partir da própria criança, compreendendo cada uma das suas manifestações, suas possibilidades e levando em consideração a idade da criança. Wallon tinha a ideia de que o ser humano precisa do meio social para o desenvolvimento intelectual, na qual em sua teoria faz uma espécie de articulação entre os fatores biológicos (atos motores) e os fatores subjetivos (ato mental), definindo-a como Psicologia Psicogenética (modelo psicológico que tem como objetivo descrever o início do desenvolvimento humano). Para Wallon a motricidade é o grande eixo, onde o ato mental se desenvolve a partir do ato motor.

Nascimento (1986) relata que a prática educativa em Psicomotricidade tem tido um papel importante na educação da criança em seu meio escolar, visto que está associado a aprendizagem escolar.

Em um estudo realizado no artigo “Desempenho percepto-motor, psicomotor e intelectual de escolares com queixa de dificuldade de aprendizagem”, realizado com 26 crianças com idade entre 7 e 9 anos, aponta que é dividido da seguinte maneira: grupo experimental (GE) com 14 crianças e o grupo controle (GC) com 12 crianças. Tal estudo tem o objetivo de comparar o desempenho percepto-motor, psicomotor e a capacidade intelectual de escolares com e sem queixa de dificuldade de aprendizagem. Os autores obtiveram o resultado de que as crianças com atrasos no desenvolvimento psicomotor encontram maior dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita.

Conforme exposto, podemos observar a importância de se trabalhar a educação psicomotora nas crianças, pois através da utilização de atividades ligadas a cada faixa etária, levará o indivíduo ao seu desenvolvimento global de ser, respeitando as diferenças individuais e levá-lo a autonomia de sua percepção, expressão e criação.

Além desses objetivos, Le Boulch (1984) relata que a educação psicomotora envolve outros elementos como: a aquisição do esquema corporal, desenvolvimento da coordenação motora, equilíbrio e a flexibilidade; controle da concentração, reconhecimento dos objetos através dos sentidos (auditivo, visual, etc.) e o desenvolvimento sócio afetivo. O autor (1984) destaca a importância de a psicomotricidade ser incluída na idade inicial da criança, pois é um fator primordial que determina os aprendizados pré-escolares e escolares.

Potel (2010) postula que a dimensão motora é indissociável da energia psíquica, ou seja, é inseparável do pensamento que expressa a intencionalidade de cada movimento (ideomotricidade), assim como, das emoções. A psicomotricidade é, portanto, decorrente de uma integração gnoscoprática (relação entre conhecer e como utilizar os objetos) e tonicoemocional (expressão das emoções refletidas na tensão muscular), isto é, da associação existente entre o movimento corporal e as expressões imaginárias-simbólicas que dão significado ao corpo, na sua relação dialética com os outros e com os objetos.

Ajuriaguerra (1962) afirma que é através da relação que se estabelece com o outro, com um corpo-em-relação, que a criança adquire a consciência de si e o sentimento de ser e estar. Joly (2010) considera que esta prática se operacionaliza por intermédio de uma motricidade lúdica em relação. É, neste sentido, que a relação está associada ao jogo, como um dos principais mediadores em psicomotricidade e, por isso, considerado como jogo-em-relação.

Jaricot (2006) menciona que o jogo-em-relação proporciona à criança estímulos que têm um papel estratégico no processo de consciência do próprio corpo, na aquisição da verticalidade que lhe permite tomar consciência da noção do espaço interior e na descoberta progressiva do Eu, ao mesmo tempo em que descobre a realidade do espaço exterior.

Fernandes, Gutierres Filho e Rezende (2018) afirma que o psicólogo pode participar dos jogos com a criança aprender a escutá-la, receber o que ela oferece, estar disponível para ser e estar com ela, e utilizar a sua criatividade para sugerir a inclusão de novos elementos lúdicos. Por meio desta relação dialética, pela qual o adulto deixa fluir o desejo da criança, o jogo psicomotor abre caminho para a construção de uma relação afetiva em que a criança reconhece o outro como par, possibilitando o terapeuta assumir aos poucos a iniciativa dentro do jogo e posteriormente a proposição de novos jogos.

O terapeuta deve desempenhar a função de auxiliar e companheiro de jogo da criança. Gutierres Filho (2012) e Coimbra de Matos (2016) falam que para implementar esta relação, é necessário estar disponível para as diferenças, especificidades e peculiaridades da criança e atuar de forma amigável e singular, a fim de se estabelecer uma relação sadia e saudável.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou a respeito da contribuição da psicomotricidade no desenvolvimento infantil, na qual foi tratado um pouco sobre a historicidade da criança e a forma que eram tratadas, onde tal percepção foi mudando ao longo do tempo e as crianças passaram a ter importância, recebendo cuidados e ensinamentos.

A criança em seu processo de desenvolvimento pode apresentar algum tipo de dificuldade na área afetiva, cognitiva e/ou motora. Diante disso foi abordado que a psicomotricidade e a ludicidade têm um papel fundamental na vida da criança, no âmbito escolar, familiar e na sociedade na qual está inserida, pois para que a mesma se conheça é necessário que ela interaja com o meio social, caso isso não ocorra, o infante não consegue se desenvolver de forma plena e saudável. Esse trabalho chega à conclusão que a psicomotricidade impacta no desenvolvimento do psiquismo da criança, pois através dessa relação que se estabelece com o ser, proporciona a mesma, estímulos que trabalham no processo de consciência do próprio corpo, onde ela adquire a consciência de si e o sentimento de ser e estar em um meio na qual está inserida.

A psicomotricidade pode proporcionar uma melhoria nas dificuldades de aprendizagem, auxiliando no desenvolvimento global da criança por meio de seus movimentos, trabalhando seu esquema corporal, reeducação da força, da postura, da lateralidade, direcionalidade e do ritmo.

A ludicidade é uma atividade que atua diretamente no processo de desenvolvimento e contribui para a aprendizagem da criança, tornando as aulas ou encontros mais dinâmicos e prazerosos por meio da mediação do profissional (professor ou psicólogo). Por meio dos jogos e das brincadeiras, a criança aprende, analisa e pensa, permitindo assim uma interação mais afetiva com outras crianças e com o meio na qual está inserida.

Vale ressaltar que para se ter uma boa aplicação e um bom aproveitamento no desenvolvimento da criança, se faz necessário ter recursos que possam ser aplicados nas atividades e equipes de profissionais qualificados para se ter um melhor direcionamento dos trabalhos e assim atender as necessidades de cada indivíduo.

A psicologia e a psicomotricidade por meio da psicomotricidade relacional, busca desenvolver e aprimorar o conceito da globalidade humana e correlacionar o corpo e a mente da criança, mostrando a importância da comunicação corporal com o desenvolvimento através das dimensões psicofísicas (relação entre estímulos físicos e as respectivas sensações), psicossociais (aspectos psicológicos e sociais) e emocionais.

É importante salientar que durante a pesquisa das publicações, observou-se a escassez de estudos que abordassem a temática tratada na referida pesquisa, logo espera-se que a presente discussão possa instigar novas pesquisas, ampliar a área de atuação e aplicação de novos estudos.

Diante dos trabalhos utilizados, podemos concluir que a psicomotricidade juntamente com os recursos lúdicos facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças, tornando-se indispensável como base para o desenvolvimento nos aspectos afetivo, cognitivo e motor. Diante disso, a criança poderá se auto conhecer, proporcionando a ela capacidade de pensar, desejar, raciocinar e auxiliar no seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

- AJURIAGUERRA, J. Le corps comme relation. **Revue Suisse de Psychologie Pure et Appliquée**, France, v. 2, p. 137-157, 1962.
- AJURIAGUERRA, J. **Manual da Psiquiatria Infantil**. São Paulo: Masson, 1983.
- ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e movimento**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- ALVES, Ricardo. **Psicomotricidade I**, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.educmunicipal.indaiatuba.sp.gov.br/shared/upload/z_outros/files/material_curso/monitores/tema_7/psicomotricidadei.pdf>. Acesso em: 08 abr 2021
- A.P.A. DSM-V. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento; 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARANHA, Mauricleide Leandro. **A importância da ludicidade e da psicomotricidade para a educação infantil**. João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1770/1/MLA12122016>>. Acesso em: 20 mai 2021.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ABP, Associação Brasileira de Psicomotricidade. **O que é Psicomotricidade**. 2019. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>>. Acesso em: 03 de abr 2021.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALDWIN, D. A., & BAIRD, J. A. (2001). **Discerning intentions in dynamic human action**. Trends in Cognitive Sciences, 5, 171–178.
- BASTOS FILHO, A.; SÁ, C. M. F. de. **Psicomovimentar**. São Paulo: Papirús Editora, 2001.
- BENETTI, Idonézia Collodel; BARROS, Paulo Henrique Pinheiro de; WILHELM, Fernanda Ax; DEON, Ana Paula da Rosa; JÚNIOR, João Paulo Roberti. **Psicomotricidade e desenvolvimento: concepções e vivências de professores da educação infantil na amazônia setentrional**., Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 588-607, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38814/27161>>. Acesso em: 17 mai 2021.

BENJAMIN; W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1994.

BOATO, E.M. **Metodologia de abordagem corporal para autistas**. 2013. 197f. Tese (doutorado) Universidade Católica de Brasília, 2013.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. **O método de revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, Belo Horizonte, v.5, n.11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220>>. Acesso em: 21 mai 2021.

BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JUNIOR, M. (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11-60.

BRADLEY, R. H.; CALDWEL, B. M. & ROCK, S. L. (1988). **Home environment and school performance: a tem-year follow-up and examination of three models of environmental action**. *Child Development*, 59, 852-867.

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 05 out 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 06 mar 2021

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 06 mar. 2021.

CARVALHO, E. M. R. **Contribuições da Teoria Walloniana à Educação Psicomotora. Monografia de especialização em Psicomotricidade** – UNIFOR, 1996.

CARVALHO, Elda Maria Rodrigues de. **Tendências da educação psicomotora sob o enfoque walloniano**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 84-89, set. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mai 2021.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis. **Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas**. Ilhéus: Editus, 2003.

CARVALHO, Lucas Campos de. **Psicomotricidade no desenvolvimento motor das crianças na educação infantil**. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7528/1/21258527.pdf>>. Acesso em: 16 mai 2021.

COIMBRA DE MATOS, A. **Nova relação**. Lisboa: Climepsi, 2016.

COLNAGO, N. A. S. (1991). **Pares “mães bebês síndrome de Down”**: Estudo da Estimulação e dos aspectos qualitativos da interação. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

CORDEIRO, Leilane Crislen; SILVA, Diego da. **A contribuição da psicomotricidade relacional no desenvolvimento das crianças com transtorno do espectro autista**. Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/566>>. Acesso em: 17 mai 2021.

COSTA, A. C. **Psicopedagogia & Psicomotricidade: Pontos de interseção nas dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

COSTA, L. L.; DANTAS, L.M. **A importância da psicomotricidade relacional como suporte à inclusão de crianças diagnosticadas com o transtorno do espectro do autismo na educação infantil do município de Horizonte/ CE**. CINTEDI – Congresso Internacional de educação e inclusão, 2014.

COSTE, J. C. **A Psicomotricidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DALLARI, D.A.; KORCZAC, J. **O direito da criança ao respeito**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G.; MARTURANO, E. M. & ELIAS, L. C. DOS S. (2005a). **Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre**. Paidéia, 15, 43-55.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G.; MARTURANO, E. M. & ELIAS, L. C. DOS S. (2005b). **Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares**. Psicologia em Estudo, 10, 107-115.

DE MEUR, A. & STAES, L. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação**. Rio de Janeiro: Manole, 1984.

DE MEUR, A. & STAES, L. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação**. São Paulo: Manole, 1991.

EISENBERG, N. (2000). **Emotion, regulation, and moral development**. Annual Review of Psychology, 51, 665–697.

ERIKSON, M. P. E KURZ-RIEMMER, K. (1999). **Infants, toddlers and families: a ramework for support and intervention**. New York: The Guilford Press.

FALKENBACH, A.P; DIESEL, D; OLIVEIRA, L.C. **O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional.** Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, 2010.

FARIA, F. A. C. Escolas promotoras de saúde na América Latina: uma revisão integrativa da literatura. 2010. 102 p. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde) - Universidade de Franca, Franca, 2010.

FERNANDES, Jorge Manuel Gomes de Azevedo; GUTIERRES FILHO, Paulo José Barbosa; REZENDE, Alexandre Luiz Gonçalves de. **Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção.** Cad. Bras. Ter. Ocup., São Carlos, v. 26, n. 3, p. 702-709, Jul 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102018000300702&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mai 2021.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Isabel Neves. **Caminhos do aprender: Uma alternativa Educacional para a criança portadora de deficiência.** São Paulo: Unimep, 1998

FERREIRA, A.C.D. **Efeitos de sessões de psicomotricidade relacional sobre o perfil das habilidades motoras e controle postural em indivíduo com transtorno do espectro autista.** 2016. 93f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Natal, RN, 2016.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade.** 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

FONSECA, V. **Manual de observação psicomotora-significação psiconeurológica dos fatores.** Porto Alegre: Artmed, 1995

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: uma visão pessoal.** Constr. psicopedag., São Paulo, v. 18, n. 17, p. 42-52, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr 2021.

FONTANA, Cleide Madalena. **A importância da psicomotricidade na educação infantil.** 2012. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4701>>. Acesso em: 16 mai 2021.

- FRANKEN, R. E. (2007). **Human motivation** (6th ed.). Boston, MA: Cengage.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T.; HALPERN, D.. **Ciência Psicológica**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. 815 p.
- GERGELY, G., & CSIBRA, G. (2003). **Teleological reasoning in infancy: The naive theory of rational action**. *Trends in Cognitive Sciences*, 7, 287–292.
- GUTIERRES FILHO, P. **A psicomotricidade em meio aquático**. In: FERNANDES, J.; GUTIERRES FILHO, P. (Ed.). *Psicomotricidade: abordagens emergentes*. Barueri: Manole, 2012. p. 72-85.
- JARICOT, B. **Du corps à corps à sa propre verticalité**. *Enfances & Psy*, Paris, v. 33, n. 4, p. 80-91, 2006.
- JOLY, F. **Psychomotricité: une motricité ludique en relation**. In: POTEL, C. *Psychomotricité: entre théorie et pratique*. Paris: In Press, 2010. p. 23-41.
- KOHAN, W. O. Infância e filosofia In: SARMENTO. M. J; GOUVEA, M. C. S. (Orgs). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 40-61.
- LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- LEVIN, E.. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. 7ª edição, Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIBERATI, Wilson Donizeti. **Adolescente e o Ato infracional – medida sócio-educativa é pena?** São Paulo: Juarez de Oliveira, 2003.
- LORDANI, Silvia Fernanda de Souza. **Psicomotricidade na educação infantil: Uma proposta para a prevenção das dificuldades de aprendizagem**. Cornélio Procopio, 2020. Disponível em: <<https://uenp.edu.br/mestrado-ensino-dissertacoes/ppgen-dissertacoes-defendidas-3-turma-2018-2019/16452-silvia-fernanda-de-souza-lordani/file>>. Acesso em: 16 mai 2021.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **O Lúdico na prática educativa**. São Paulo. Papyrus, 1994.
- MADEIRA, Eunice do Vale; MUNIZ, Fabiane; PEREIRA, Henrique de Carvalho; MARTINS, Hildeberto; GRANATO, Luis Eduardo; URRUTIGARAY, Maria Cristina Fontes; POPPE, Maria. **Psicomotricidade: Psicologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/novo_site2/sia_distancia/webaula/biblioteca/57/803/1psicologia-desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 15 mai 2021.
- MOCK, R. **Education and the imagination**. Londres: Chatto & Windus, 1970. 136 p.

MORIZOT, Regina. **A história da psicomotricidade e da Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP), 2018.** Disponível em:

<<https://psicomotricidade.com.br/a-historia-da-psicomotricidade-e-da-abp/>>. Acesso em: 20 mai 2021

MORO, D.R.P. et al. **A psicomotricidade relacional como propulsora do vínculo afetivo na educação infantil.** In: VII Congresso Nacional de Educação – DUCERE. Saberes Docentes. 4., 2007, Curitiba. Anais. PUCPR, 2007, 1000 p. p. 650-659.

NASCIMENTO, L., MACHADO, M. T. **Psicomotricidade e Aprendizagem.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1986.

NASCIMENTO, Juliana Michelle Medeiros do. **Contribuições da psicomotricidade para o desenvolvimento infantil.** Campina Grande, 2014. Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7907/1/PDF%20-%20Juliana%20Michelle%20Medeiros%20do%20Nascimento.pdf>>. Acesso em: 16 mai 2021.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: psicomotricidade: alternativas pedagógicas.** Porto alegre: Prodil, 1995.

OLIVEIRA, J. L. M. **Exercícios de resistência para a promoção de saúde de grupos especiais de coronariopatas.** 2008. 62 p. Dissertação (Mestrado em

Promoção da Saúde) - Universidade de Franca, Franca, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp096082.pdf>>. Acesso em: 15 mai 2021.

OLIVEIRA, Linda Marques de; BAGAGI, Priscila dos Santos. **Psicomotricidade e desenvolvimento motor na pré-escola.** São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vzrPzX88UISehdj_2013-6-28-15-57-0.pdf>. Acesso em: 16 mai 2021.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade, Educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.** 20 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

PEREIRA-SILVA, N. L. & DESSEN, M. A. (2003). **Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 16 (3), 503-514.

PHELPS, E. A. (2006). **Emotion and cognition:** Insights from studies of the human amygdala. Annual Review of Psychology, 57, 27–53.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense, 1976.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia.** Trad. Por Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PIAGET, J.A. **Psicologia da criança.** Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PINKER, S. (2011). **The better angels of our nature: The decline of violence in history and its causes.** London: Penguin UK.

PODER JUDICIÁRIO DE SANTA CATARINA. **Construção histórica do Estatuto da Criança e do Adolescente.** Florianópolis, SC, 2020. Disponível em: <<https://www.tjsc.jus.br/web/infancia-e-juventude/coordenadoria-estadual-da-infancia-e-da-juventude/campanhas/eca-30-anos/construcao-historica-do-estatuto>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

POTEL, C. **Être psychomotricien: um métier du présent, un métier d'avenir.** Toulouse: Érès, 2010.

PREMACK, D., & WOODRUFF, G. (1978). **Does the chimpanzee have a theory of mind?** Behavioral and Brain Sciences, 1, 515–526.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2. ed. pág. 127-130, 2013. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxIZHVjYWVhbnVjb250YWVjpbGikYWRIlfGd4OjU5NjlxOWU5NTgwZDdlZjY>>. Acesso em: 21 mai 2021.

QUEIROZ, Bruno Caldeira Marinho de. **Evolução Histórico-Normativa da Proteção e Responsabilização Penal Juvenil no Brasil.** 2008. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/evolucao-historico-normativa-da-protecao-e-responsabilizacao-penal-juvenil-no-brasil/8610/>>. Acesso em: 22 mar. 2021

REPPOLD, C. T.; PACHECO, J.; BARDAGI, M. & HUTZ, C. S. (2002). **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais.** In C. S. Hutz (Orgs.). Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 7-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.

RAMOS, Deborah Dornellas; SALOMAO, Nádia Maria Ribeiro. **Desenvolvimento infantil: concepções e práticas de educadoras em creches públicas.** Psicol. teor. prat., São Paulo, v. 15, n. 3, p. 200-213, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2021.

REGO, Teresa C. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea,** São Paulo: Moderna, 2002.

ROSA N. **Manual de Avaliação Motora.** Porto Alegre: Artmed, 1996

ROSA, Ludmila Rodrigues. **O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces: compreendendo e atuando com as dificuldades de aprendizagem.** Uberlândia, 2015. Disponível em:

<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/compreendendo_a_psicomotricidade_e_suas_interfaces_na_educacao_infantil.pdf>. Acesso em: 16 mai 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação.** São Paulo: Martins, 1994.

SANTANA, J. S. S. **O significado da experiência de creche expresso pela criança.** Salvador, 1995. 175p. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal da Bahia.

SANTI MARIA, Thalissa Lara Crispim. **Desenvolvimento psicomotor de alunos na educação infantil.** 2012. 99 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250932>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

SANTOS, E. L. S. dos; CAVALARI, N. **Psicomotricidade e Educação Infantil. Caderno Multidisciplinar de Pós – Graduação da UCP,** Pitanga, V.1, n.3, p.149 – 163, marco, 2010.

SARAIVA, João Batista Costa Saraiva. **Compêndio de Direito Penal Juvenil Adolescente e Ato Infracional.** 4. Ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010.

SILVA, A. **O Idoso e a Psicomotricidade.** Monografia para a conclusão do Curso de Pós- Graduação “Lato Sensu”, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Nancy Capretz Batista da et al. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 mai 2021.

SILVA, Samara Lilian Zulian Ruas da, Oliveira, Maria Carolina Camargo de, e Ciasca, Sylvia Maria. (2017). **Desempenho percepto-motor, psicomotor e intelectual de escolares com queixa de dificuldade de aprendizagem.** *Revista Psicopedagogia*, 34(103), 33-44. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862017000100004&lng=pt&lng=pt>. Acesso em: 14 mai. 2021

SOMMERVILLE, J. A., & WOODWARD, A. L. (2005). **Pulling out the intentional structure of action:** The relation between action processing and action production in infancy. *Cognition*, 95, 1–30.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** *Einstein* (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Mai 2021.

SOUZA, Juliana Martins de. **Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito**. Goiás, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n6/pt_0104-1169-rlae-23-06-01097.pdf>. Acesso em: 26 mai 2021.

SOUZA, Érica et al. **Educação e reeducação psicomotora por meio de jogos e brincadeiras nas escolas de parintins**. Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências, [S.l.], v. 7, n. 14, p. 108-123, maio 2017. ISSN 1984-7505. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/129>>. Acesso em: 17 mai 2021.

VAYER, P. **Diálogo corporal: a ação educativa para a criança de 2 a 5 anos**. São Paulo: Manole, 1984.

VIEIRA, J. L. **Psicomotricidade relacional: a teoria de uma prática**. Perspectivas, v. 3, n. 11, p. 2007 – 2010, 2014.

VYGOSTKY, L. A. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas II**. Madrid: Visor, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social de Mente**. 7a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1981.

WALLON, Henry. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WHALEY, L.F.; WONG, D.L. **Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.